



**Revista Comunicação Midiática**  
ISSN: 2236-8000  
v. 12, n. 2, p. 177-180, maio/ago. 2017

---

**A precariedade da história da televisão brasileira**

**La precariedad de la historia de la televisión brasileña**

**The precariousness of Brazilian television history**

---

**Claudio Bertolli Filho**

Livre-docente na área de Antropologia, atuante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP.  
cbertolli@uol.com.br

**Resenha de:** Ricco, Flávio; Vannucci, José Armando. *Biografia da televisão brasileira*. São Paulo: Matrix, 2017, 2 vols. (vol. 1, 463 pág.; vol. 2, 459 pág. ISBN 978-85-8230-414-3).

Apesar de a televisão no Brasil aproximar-se das sete décadas de existência, persiste como lacuna a ausência de uma história consistente do meio, o que aflora como um dos principais desafios para os estudiosos da mídia. Os sempre lembrados incêndios que, nos anos de 1960 e 1970, resultaram na destruição de parcela significativa dos arquivos que armazenavam as produções datadas das duas primeiras décadas da televisão não são suficientes para explicar a carência de estudos na área. A falta de interesse das empresas de televisão em patrocinar enfoques críticos sobre suas próprias trajetórias, inibindo o acesso dos pesquisadores à maior parte de seus arquivos soma-se a um certo comodismo acadêmico que, de regra, tem se limitado à produção de pesquisas setoriais que rejeitam enfoques históricos mais amplos.

Refletindo essas circunstâncias, os jornalistas Flávio Ricco e José Armando Vannucci, ambos com destacadas atuações tanto na coberturas dos assuntos e personagens da televisão quanto como profissionais da próprio meio televisivo enfrentaram o desafio ao produzirem um livro que se revela como a obra mais abrangente até hoje gerada sobre o assunto. *A Biografia da televisão brasileira* não se propõe a ser propriamente uma história, mas sim uma avantajada crônica, a qual pode ser lida sob duas perspectivas. A primeira delas, que se revela como o objetivo implícito do livro, é instruída por um olhar curioso e saudosista, como um avantajado catálogo que alinha um inusitado número de programas, artistas e administradores comprometidos com a criação e aperfeiçoamento da televisão no país. Uma segunda leitura possível é a que chama a atenção dos pesquisadores, os quais têm que levar em consideração o fato o texto ser endereçado aos leitores destituídos de maiores pretensões acadêmicas.

Nessa segunda perspectiva, é necessário se observar que Ricco e Vannucci assinam uma pesquisa que a esfera universitária mostra-se reticente em realizar. Os autores recorreram a um grande número de fontes de informações, que abrangem a consulta às revistas de ampla circulação especializadas na televisão e há muito extintas, como a *InterValo*, da editora Abril, material preservado pela imprensa diária, sites como o *Memória Globo* e, sobretudo, depoimentos e entrevistas, tanto com os pioneiros da televisão quanto com profissionais hoje atuantes no meio. A partir destes ricos núcleos documentais, observa-se o empenho dos autores em arquitetar um amplo painel da televisão brasileira, registrando não só o desempenho artístico, mas também as dificuldades técnicas para a instalação de uma emissora, os impasses administrativos, a busca pela atenção do público, a concorrência entre as empresas do setor e também os improvisos e pequenos incidentes que marcaram e ainda marcam o cotidiano televisivo.

Organizada em dois volumes, desde as primeiras linhas constata-se a predominância de um enfoque que não leva em consideração as contingências políticas e econômicas que tem permeado o funcionamento da televisão no Brasil; neste encaminhamento, o livro rumo em sentido oposto ao que outras iniciativas destinadas ao “grande público” (Morais, 2011) e, sobretudo, aos leitores acadêmicos (Bolaño; Brittos, 2005). A preferência recaiu

sobre acompanhar de perto, e talvez até mais atenuadamente, a proposta de enfoque histórico autorizado pela empresa fundada por Roberto Marinho, que modelou não só a produção memorialística institucional impressa (Dicionário, 2003), como a de seus funcionários atuais (Bonner, 2009) ou que já morreram ou ainda que não estão mais na ativa (Lorêdo, 2000).

Nessa rota, o texto resenhado aflora como um desdobramento aperfeiçoado e atualizado de outro livro que versa sobre a história da televisão brasileira (Ribeiro; Sacramento; Roxo, 2010). Apesar de abdicar da linha cronológica, o primeiro volume, grosso modo, é dedicado à exposição das condicionantes que permitiram a instalação do meio no Brasil, tendo como pioneira a TV Tupi, inaugurada em São Paulo em 1950 e se estende até o final da década de 1970, quando a televisão já se mostra como um dos principais canais de articulação da sociedade e da cultura nacional. Ainda nele, se há breves menções à esfera política, estas são empenhadas em anunciar o quanto que o setor foi vitimado pela ação ditatorial, mediante a censura de programas e perseguição às empresas que não compactuaram com a ideologia governamental, tendo como principais referências a extinção da TV Excelsior em 1970 e o enfraquecimento da TV Tupi, que resultou na suspensão de funcionamento das emissoras concedidas aos Diários Associados em 1980.

O segundo volume é dedicado sobretudo à TV Globo que, posta em funcionamento em 1965, de imediato contratou profissionais de outros canais, especialmente da Excelsior e da Record, que já vinham testando novas opções de programas e usufruindo de novos aparatos técnicos, como videoteipe, para configurar um “padrão de qualidade” que alçou a empresa de Roberto Marinho ao patamar de uma das televisões mais gabaritadas do mundo. Nessa rota, Ricco e Vannucci desbruçam-se sobre a produção da Globo, enfatizando a produção de novelas como o principal elemento de renovação da cultura nacional e lançamento de novas necessidades de consumo social. Realizado o recorte a ser privilegiado, a maior parte do volume é empenhado na apresentação das tramas das novelas e, secundariamente, dos espetáculos musicais, humorísticos e esportivos da mesma emissora.

Junto com o descarte das condicionantes políticas e econômicas da televisão no Brasil, o fato de privilegiamento da Globo constituem-se nas duas opções que limitaram o poder do livro em favorecer um posicionamento crítico em relação à plataforma no contexto nacional e inclusive o sentido que as grandes redes de televisão ganharam no contexto brasileiro. Apesar do empenho pela abrangência, o recorte adotado minimiza ou esquece vários temas como o papel fundamental de alguns programas da própria Globo, como *Amaral Neto, o repórter*, que não só selou a aliança entre a empresa e o governo militar como também foi o grande modelo invocado para a formatação do programa que o sucedeu no mesmo dia da semana e horário, o *Globo Repórter*. Além disso, ao contemplar as novelas, o livro preteriu o fato de a exibição de filmes e seriados estrangeiros, que a partir dos anos 70 foram monopolizados pelas produções americanas, constituiu-se em um dos principais incentivadores da adoção da televisão como principal recurso de lazer por parte das famílias brasileiras, tendo como repercussão negativa a gradual decadência das salas de cinema de bairro em todo o país. Além disso, as demais redes foram alvos de atenção anêmica pelos autores e também os canais a cabo, que cada vez mais estão substituindo a programação oferecida pelos canais abertos.

Várias outras lacunas podem ser detectadas no livro sob análise. No entanto, sua importância não pode ser negada. Como uma obra destinada a se tornar de referência, ela

oferece um número de informações que podem contribuir e incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas realizadas no âmbito universitários.

Recebido em: 05 jul. 2017

Aceito em: 08 ago. 2017

### Referências

BOLAÑO, C.R.S.; BRITTOS, V.C. (orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BONNER, W. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

**DICIONÁRIO da TV Globo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, Vol. 1.

LORÊDO, J. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Alegro, 2000.

MORAIS, F. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Orgs.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.